

A trajetória de um corpo liberado, a propósito do conto “O Triângulo mais que perfeito”, de Helena Parente Cunha

Héllen Dutra¹ (UFRJ)

RESUMO:

O presente trabalho propõe uma análise para o conto “O triângulo mais que perfeito”, da escritora brasileira Helena Parente Cunha, tomando como fio condutor o reconhecimento de um corpo feminino, que escreve a história pessoal da protagonista, assim como a história social da mulher ocidental. Análise do papel da sexualidade no processo de dominação do feminino e sua importância na trajetória de liberação deste corpo inscrito na margem da sociedade patriarcal.

Palavras-chave: Patriarcado; Corpo; Sexualidade; Feminino.

Para falar de mulher, é necessário voltarmos nos olhos para o que se constituiu, por muito tempo e, em alguns casos, ainda hoje, o chamado “universo feminino”. A mulher secularmente foi confinada ao espaço da casa, à tarefa de mãe e à ocupação da família, seu espaço foi restrito ao particular, ao fechado e ao limitado. Para ela, foi construído o que Simone de Beauvoir chamou de “destino de mulher”: a rainha do lar, a mãe, a geradora, a acolhedora, aquela que mantém afetivamente a prole.

Tradicionalmente a condição feminina esteve atrelada ao cuidado: dos filhos, do marido, da casa, da família, a mulher esteve sempre a serviço: “Eis aqui a **serva** do Senhor, cumpra-se em mim segundo a tua palavra.”², respondeu Maria, mãe de Jesus, ao anjo Gabriel. Observamos neste trecho retirado da Bíblia, um dos pilares da cultura ocidental, datado de aproximadamente dois mil anos, a presença desta servidão feminina, que muitas vezes sai do âmbito do voluntário para o obrigatório, já que algumas traduções optam pelo uso do termo escrava, em lugar de serva.

No entanto, Rose Marie Muraro, no prefácio do livro *O Martelo das Feiticeiras*, nos aponta que nem sempre foi assim. Segundo a estudiosa, houve um período, talvez no paleolítico, em que a mulher era o centro da comunidade, era ela que organizava e geria a alimentação com a coleta de frutos da terra e com a caça de animais de pequeno porte. Constituíam-se as chamadas sociedades matricêntricas. Neste período, além de

¹ Aluna do curso de mestrado em Letras Vernáculas na Universidade Federal do Rio de Janeiro.

² A *Bíblia*, Lucas I, 38 (grifo nosso)

sua importância socioeconômica, a mulher mantinha seu valor específico, devido à maternidade, que a fazia sagrada.

Com a necessidade de trabalhos cada vez mais pesados, com o surgimento dos agrupamentos sedentários e a sistematização da era agrária, o homem desenvolveu uma importância social e econômica que progressivamente foi substituindo a função feminina. Emerge, então, a supremacia masculina, que institui o patriarcalismo, e, com ele, muitas das normas sociais que perduram até hoje, como sendo a lei de nossa sociedade.

Neste contexto... **As mulheres tinham a sua sexualidade rigidamente controlada pelos homens.** O casamento era monogâmico e a mulher era obrigada a sair virgem das mãos do pai para as mãos do marido. Qualquer ruptura desta norma podia significar a morte. Assim também o adultério: um filho de outro homem viria ameaçar a transmissão da herança que se fazia através da descendência da mulher. A mulher fica, então, reduzida ao âmbito doméstico. Perde qualquer capacidade de decisão no domínio público, que fica inteiramente reservado ao homem.³

(grifos nossos)

Como percebemos no fragmento acima, uma das questões primordiais desta nova fase é o controle da sexualidade feminina. A mulher tem sua virgindade vigiada pelo pai e, mais tarde, tem seu sexo regulado pelo marido. Parecem evidentes os benefícios econômicos deste controle, pois, nas famílias menos abastadas é a mulher quem gera a mão de obra e nas famílias ricas, também é ela que gera os herdeiros. No entanto, este controle rígido do sexo extrapola os limites da reprodução para avançar no campo do prazer, a mulher sofre a castração de seu orgasmo, tendo seu corpo sido limitado apenas a reproduzir. Este domínio da sexualidade feminina desde os fins reprodutores até os eróticos trouxe imensas conseqüências e ajudaram a escrever a história de um corpo regulado, controlado, vigiado, monitorado, enfim, dominado pelo masculino.

É pensando em muitas destas questões que analisaremos o conto “O triângulo mais que perfeito”, da escritora Helena Parente Cunha, inserido no livro *Os Provisórios*, cuja publicação data de 1990. Este livro nos apresenta uma série de contos que apontam para sujeitos, que assim como indica o título, são provisórios desta sociedade em que vivemos. São aqueles que estão à margem, não protagonizam a história oficial, que põem em cena

³ MURARO, Rose (1991) p.07

apenas os dominadores. São chamados por Linda Hutcheon de “ex-cêntricos”⁴: sujeitos fora do centro da sociedade, subjugados ao esquecimento e ao silêncio. O que faz Helena Parente Cunha, nos contos deste livro, é dar voz a esses sujeitos, ela os faz falar e nos obriga a ouvi-los. Assim, estão em foco: os mendigos, que protagonizam o conto que dá nome ao livro, os trabalhadores anônimos e também a mulher.

“O triângulo mais que perfeito” aborda a vida de uma personagem, mulher, não nomeada, que presencia a decadência da principal instituição que regula a nossa sociedade: a família. No cerne desta crise pessoal, que reflete uma maior – social, está a sexualidade. É a sexualidade o agente e o paciente da tensão conjugal que vai desencadear mudanças fundamentais na vida desta personagem. No início do conto, sabemos que ela está liberta das amarras sociais, conseguiu suplantar os obstáculos. Mas, nos questionamos, se um corpo se liberou é porque estivera preso? Mapear a trajetória de liberação deste corpo feminino é o nosso foco neste trabalho.

A estudiosa Rose Marie Muraro⁵, na introdução histórica do livro *O Martelo das Feiticeiras*, defende a idéia de que num período remoto, que dificilmente pode ser recuperado integralmente, houve uma sociedade matricêntrica. Hoje não podemos garantir este fato, porém o que podemos afirmar da sociedade atual e das anteriores, as quais conhecemos, é que elas estiveram e ainda estão sob o domínio do patriarcado.

O patriarcalismo é caracterizado como um regime, cuja centralização do poder está nas mãos dos homens, que o exercem sobre as mulheres. Como afirmou Manuel Castells, o elemento que susteve socialmente o patriarcalismo foi a família patriarcal. Assim, para que fosse assegurada a sua autoridade social, foi necessário que “o patriarcalismo permeasse toda a organização da sociedade, da produção e do consumo à política, à legislação e à cultura.”⁶

Com tal finalidade, o regime patriarcal utilizou, ao longo do tempo, diversos mecanismos de dominação do feminino, visando a colocar a mulher sempre no espaço da ausência. O homem foi concebido como a norma e a mulher como a alteração, aquilo que foge ao padrão. Um bom exemplo é a língua portuguesa, que identifica o masculino como a

⁴HUTCHEON, Linda

⁵ MURARO, Rose Marie (1991) p.05

⁶ CASTELLS, Manuel (2001) p. 169

regra, dispensando, inclusive, o registro, enquanto o feminino necessita ser marcado, indicando que algo se alterou, que houve um desvio na norma. Partindo deste dado, podemos, então, dizer que a nossa língua é machista? Não sei se é lúcido responder afirmativamente a essa pergunta, talvez seja mais cauteloso dizer que a língua é o espelho de sua sociedade. Ela reflete, portanto, a cultura social da qual faz parte. Desse modo, não seria justo atribuir culpa à estrutura lingüística do português, mas sim à sociedade que ela representa. O que indica, em contrapartida, que mudando a ideologia de determinada sociedade, muda-se, em consequência, a sua língua.

Da mesma forma que a língua, há outros instrumentos em nossa sociedade que funcionam como agentes e pacientes do patriarcalismo; pacientes, porque, na verdade, são manipulados por aqueles que detêm o poder; e agentes, porque, uma vez que estejam nas mãos dos dominadores, acabam por também propagarem o poder. Assim, com o auxílio destes mecanismos, criou-se uma teia de poderes sociais que estruturaram e reiteraram o patriarcalismo como uma ordem social e cultural.

O antropólogo Pierre Bourdieu nos chama a atenção para as representações sociais do feminino e do masculino. Segundo o autor, os papéis atribuídos a homens e mulheres são construções sociais, pautadas nas diferenças biológicas.

A diferença *biológica* entre os sexos, isto é, entre o corpo masculino e o corpo feminino, e, especificamente, a diferença *anatômica* entre os órgãos sexuais, pode assim ser vista como justificativa natural da diferença socialmente construída entre os gêneros e, principalmente, da divisão social de trabalho.⁷

(grifos do autor)

Assim, as diferenças anatômicas funcionam como mais um aparelho dominado pelo poder masculino para instaurar a inferioridade feminina. Baseados no corpo da mulher, ela foi caracterizada como frágil para determinados trabalhos e incapaz para outros, sendo cada vez mais subjugada ao espaço da casa, ao cuidado da família e ao seu “inexorável” destino de mãe. O mais grave desta questão é que a natureza também foi manipulada, porque todo este comportamento social foi constituído como natural, e estas representações introjetadas na cabeça das mulheres como uma verdade absoluta, natural, portanto, imutável.

⁷ BOURDIEU, Pierre (2005) p.20

Estamos fazendo este sucinto levantamento de certos mecanismos do poder, porque o conto “O triângulo mais que perfeito”, de Helena Parente Cunha, instaura-se nas malhas de um forte e massacrante veículo da dominação masculina: a sexualidade. O conto descreve o momento tensional da falência da família patriarcal como instituição fundadora. Ele trabalha com três personagens que não são nomeados: a mulher, protagonista, que ocupa o lugar de esposa e mãe; o homem, que representa o marido e o pai; e a criança, que é a filha do casal. Não é gratuita a escolha do anonimato, nenhum dos personagens é individualizado, são todos representantes dos papéis designados pela sociedade dentro da família. Assim, este conto delinea os contornos da organização familiar instituída socialmente como a regra, não se tratando de uma família específica, mas da Família modelar.

Dentro desta família que representa o modelo social prestigiado - um casal heterossexual, de classe média, e uma filha - vai insurgir o problema do adultério e como consequência dele, a desintegração familiar. No centro deste conflito está a mulher, é através dela que nós, leitores, vamos conhecer este drama doméstico, é em seu ponto de vista que vamos penetrar, pois, apesar de o texto ser composto por um narrador em terceira pessoa, que, em alguns momentos narra imparcial e objetivamente, em determinadas passagens, que são muitas, vai haver uma profunda junção dele com a protagonista, o que configurará uma dimensão mais psicológica à narrativa.

Podemos dizer que este texto é dividido em duas partes: num primeiro momento, ficamos conhecendo o drama familiar, o adultério, a falência do casamento. O narrador demonstra como progressivamente o casamento desmorona.

Apesar de a narrativa iniciar com a protagonista liberta das amarras patriarcais, ou seja, com o seu corpo liberado, o texto é elaborado numa flutuação temporal, que visita diferentes momentos deste casamento, ilustrando não só a queda do modelo de família e a conquista de uma liberdade sexual por parte da protagonista, mas também o processo, que desencadeou estas transformações. Percebemos o delinear de um percurso de aprendizagem.

O segundo momento é caracterizado pela reviravolta, a protagonista consegue suplantar os obstáculos, tornando-se senhora de sua sexualidade. O último parágrafo do conto retoma ciclicamente o primeiro, assim a narrativa começa e termina com o corpo

liberado. No entanto, o que temos no meio, no entre-lugar destas duas enunciações é o que mais interessa em nosso trabalho: a trajetória de liberação deste corpo.

Como já apontamos, o ponto fulcral que faz eclodir esta falência familiar é a sexualidade. Primeiro, porque é o adultério o motivo explícito do divórcio e depois, porque, na descrição progressiva do rompimento do casal, surge um dado fundamental para a compreensão da crise conjugal, que é a frigidez sexual da esposa:

Eu entendendo, sabendo que ele ia cada vez mais para ela, me habituando a dormir sozinha, não era o pior, minha carne sempre teve medo de acolher o transbordamento quente do esperma – venha cá, você está fugindo de mim – eu não podia ficar na cama toda suja daquele jeito, tinha que me lavar – você tem é nojo de mim – ah, ele não entendia que o meu bom mesmo era o calor calmo do seu corpo junto ao meu, não em cima do meu, naquele encrespar ofegante.

(“O triângulo mais que perfeito”, p.06)

Esta personagem, que funciona como um estereótipo da mulher de família, não consegue viver o prazer sexual em seu casamento, ela está presa a uma formação social que durante muito tempo castrou o prazer feminino. Michel Foucault, em seu livro *História da Sexualidade*, demonstra como a sexualidade não só feminina, mas num todo, foi utilizada como instrumento de dominação. Segundo o estudioso francês, foi a partir do século XVII, com a ascensão da burguesia, que se iniciou a hipotética Idade Repressiva, quando após centenas de anos de expressão livre, a sexualidade começa a ser controlada, com a finalidade de evitar o desperdício da força de trabalho com prazeres inúteis. O sexo, então, ganha conotação apenas procriativa e sendo a mulher o principal veículo da reprodução, seu sexo mais do que de qualquer outro esteve limitado.

O domínio do sexo não foi apenas proibitivo, mas principalmente auto-regulável. O Estado com o auxílio da Igreja reduziu, primeiramente, a sexualidade ao plano da linguagem para melhor controlar sua circulação, “em torno do sexo eles [os promotores do poder] irradiaram os discursos, intensificando a consciência de um perigo incessante que constitui, por sua vez, incitação a se falar dele.”⁸ Assim, provocou-se, de diferentes maneiras, a exposição discursiva do sexo, porque para controlar a sexualidade era necessário primeiro conhecê-la. Daí surgem, por exemplo, os mecanismos confessionais, que nada mais fizeram do que penetrar na intimidade das mulheres, para manipular e punir

⁸ FOUCAULT, Michel (2005) p.32-33

não só as ações, mas também os pensamentos sexuais. Antes de cair no silêncio, o sexo foi obrigado a expor-se. Todos eram provocados a falar.

Desde a Idade Média até meados do século XIX, os aparelhos de dominação construíram uma verdade absoluta para o sexo, que tinha como pilar fundador - a família; o modelo - o casal heterossexual; e o espaço privilegiado - a casa, ou mais especificamente, o quarto do casal, colocando no âmbito da perversão e do pecado, tudo o que fugisse a este discurso unitário e repressor. Nesta época, a atenção em torno da sexualidade feminina foi refinada, uma vez que ela era duplamente dominada; primeiro, porque todos tinham sua sexualidade controlada, e depois, porque se tratando de uma sociedade patriarcal, a mulher estava continuamente subjugada à ordem.

Assim, a história fez do corpo feminino, um objeto de procriação, anulando fortemente seu caráter erógeno e prazeroso. O lugar do orgasmo era fora desta família modelar, encontrado em casas de prostituição, freqüentada somente por homens, que não se tornavam menos legítimos diante da sociedade, por lá procurarem viver sua sexualidade. As mulheres, meretrizes que aí proporcionavam o prazer, eram a escória da sociedade, representavam o desvio. Para a mulher exemplar, o prazer não existia.

A educação também auxiliou neste processo de “esfriamento” do corpo feminino. A educação feminina é bastante diversa da masculina. Desde criança, ao menino, futuro homem, é permitido conhecer seu corpo e expor seus órgãos, os pais são contribuintes para isto, porque querem um filho que na fase adulta seja viril e másculo. Em algumas culturas é comum os pais levarem seus filhos homens para iniciarem a vida sexual ativa em prostíbulos. Enquanto para as mulheres, foi construído socialmente o comportamento da castidade e da pureza, não há nenhuma preocupação por parte dos pais em garantir que a pequena menina cresça e seja uma mulher dona de sexualidade, ao contrário a grande inquietação paterna é criar uma moça “decente, de família, boa mãe e esposa honesta”.

Helena Parente Cunha ilustra essa educação feminina castradora em um conto intitulado “Noite de Núpcias”, na qual temos a descrição do quanto essa educação se reflete na sexualidade futura da mulher, contribuindo para que ela seja frígida. O narrador coloca face a face dois discursos: o do noivo, recém-casado, que quer consumir o casamento e o eco do discurso social da família, que castra desde a infância a sexualidade feminina.

Abra as perninhas, vamos, meu amor, não tenha medo, não vai doer nada, eu quero ter você todinha pra mim, já esperei tanto, meu amor
[...] (as meninas devem andar com as pernas juntas, sentar com as pernas juntas e ficar de pé com as pernas bem juntinhas. É falta de modos moça ficar de perna aberta.)”

(“Noite de Núpcias”, p.40)

Assim, o que a mulher vivencia na modernidade é um grande paradoxo, pois ela nasce e cresce subjugada a estas ordens: feche as pernas, comporte-se, com o sexo escondido no lugar do erro, da promiscuidade, da leviandade. No entanto, dentro do casamento, ao tornar-se esposa, ela precisa penetrar na vida sexual, esquecendo-se destes ecos familiares e sociais. O que estamos tentando dizer é que a família é uma instituição que coopera para a anulação do prazer feminino, é isto o que representa a personagem do conto “O Triângulo mais que perfeito”. Ela, não conseguindo transpor esta barreira da educação feminina, é incapaz do prazer conjugal.

O esforço que eu fazia para fingir que morria de prazer, quantas vezes ele sem perceber, quantas vezes ele quis que eu quisesse mais e então eu queria mais, na verdade eu não queria, só queria que ele quisesse que eu quisesse, e que me visse cansada – ah você quer, mas não agüenta – ele triunfante na sua macheza, me vendo rendida.

(“O triângulo mais que perfeito”, p.06)

É lúcido dizer que este conto reflete uma sociedade atual, cujos valores lentamente têm sido modificados, inclusive a postura masculina. Se, num passado, como nós demonstramos, os homens viam as suas esposas como meras reprodutoras, sendo necessário recorrer às prostitutas em busca do verdadeiro prazer sexual, que não era esperado em casa. Hoje, há uma expectativa diferente, este marido, personagem do conto, preservando ainda características do auge do patriarcado, se lisonjeia da impotente capacidade física de sua parceira, ela é fraca, menos viril do que seu falo, por isso “quer, mas não agüenta”. No entanto, ele espera um prazer dela, que ela não foi criada para dar:

ele pensava por causa do orgasmo, era somente do esforço da minha carne fendida, ah, o esforço para fingir que eu gostava, às vezes ele percebia e me largava sozinha e então eu presa num fôlego só até ouvir de novo a porta do elevar bater, já de manhã, ele zangado não queria conversa ...

(Idem, 06)

Talvez para o homem da modernidade, o que mais incomode seu ego másculo e viril seja a sua impotência diante do não prazer feminino, algo que ele não consegue ultrapassar, porque foi seu próprio regime de dominação milenar que o causou. A mulher, por sua vez, está tão embrenhada nesta tessitura de violências simbólicas, que não percebe o seu fracasso, ela não deseja, pelo menos conscientemente, dar esse passo em direção ao seu auto-conhecimento. Como a protagonista nos diz, ela não queria mais, só queria que ele quisesse que ela quisesse, seu desejo está atrelado ao dele.

Assim, a mulher, personagem do conto, presencia a saída gradativa de seu marido, que lhe vai escapando das mãos. Esta imagem é construída a partir da metáfora da areia a escorrer pelas mãos, que primeiramente é narrada em terceira pessoa: “ele escapando, areia a escorrer de **seus** dedos que queriam segurar o irrefreável, as mãos frágeis demais para impedirem o ímpeto, ele indo” (“O triângulo mais que perfeito”, p.05, grifo nosso). Há, neste momento, o discurso de outrem, que está fora da cena, observando o que acontece, este narrador onisciente indica a inexorável incapacidade da personagem em deter o desmoronamento de seu casamento, esta voz que é exterior à personagem caracteriza suas mãos como frágeis demais para impedirem a perda do marido. Para essa voz narrante, a mulher não representa obstáculo algum, pois não consegue oferecer resistência.

Depois, esta mesma imagem é transferida para o discurso da personagem feminina, “ele indo embora, ano após ano, aos poucos, cada vez um pouco mais, indo, areia escorrendo dos **meus** dedos, **minhas** mãos frágeis demais para deterem a queda.” (Idem, p.05, grifos nossos). Neste trecho, há o deslocamento do exterior para o interior, a protagonista interioriza este discurso que vem de fora. Agora é ela que se autoneomeia incapaz de frear e impedir a queda, a simples mudança do pronome “seus” para “meus” e a inclusão do possessivo “minhas” antes do termo mãos demonstra esta introjeção de um discurso socialmente construído.

É interessante notar o salto que o texto dá, ao representar na enunciação o que está no enunciado: esta mulher perde seu marido, porque aceita o papel para ela construído, ao tomar como seu um discurso que é do outro, a protagonista está também acolhendo a ideologia social do outro. O que indica uma postura feminina sintomática diante da sociedade patriarcal, pois sua apreensão foi sempre de fora. Todo estudo e conceito elaborados sobre a figura feminina foi a partir da perspectiva de um objeto olhado e não de

um sujeito que olha. Devido a isso, a mulher esteve, durante um considerável tempo, sendo analisada e descrita a partir da perspectiva do outro, que sempre foi um olhar masculino.

No que se refere ao sexo, a família teve sempre uma importância particular. Durante os séculos XVIII e XIX, no qual ocorre o que o sociólogo polonês Zygmunt Bauman chama de “primeira revolução sexual”, o ambiente familiar era o espaço privilegiado para o sexo, sobretudo para o aprendizado de crianças e mulheres. Como foi descrito por Michel Foucault, no primeiro volume de seu livro *História da Sexualidade*:

Em primeira análise, parece possível distinguir, a partir do século XVIII, quatro grandes conjuntos estratégicos, que desenvolvem dispositivos específicos de saber e poder a respeito do sexo. Eles não nasceram em bloco naquele momento; mas assumiram, então, coerência, e atingiram certa eficácia na ordem do poder e produtividade na ordem do saber, que permitem descrevê-los em sua autonomia.⁹

Os quatro conjuntos estratégicos de que fala o autor são: a histerização do corpo da mulher, a pedagogização do sexo da criança, a socialização das condutas de procriação e a psiquiatrização do prazer perverso. A nós interessam fundamentalmente o primeiro e o segundo dispositivos.

A mulher e a criança foram os principais alvos do saber e do poder do sexo e devido a isto tiveram a sua sexualidade muito observada e controlada. Para elas, o espaço da família fora o único terreno de aprendizagem, pois necessitavam ser supervisionadas, e quanto mais restrito fosse o seu espaço, mais fácil seria o controle. Se a mulher era naturalmente inclinada à histeria e a criança à masturbação e estas características justificavam o seu espaço limitado à casa e à família, em contrapartida, o homem, provedor e protetor da família, como não necessitava de controle e observação, tinha uma tendência natural para a poligamia e para a ampliação de seu espaço da casa familiar para a rua, por isso era socialmente justificável o direito masculino de prazer fora do casamento. Prazer este que não tendesse ao que eles consideravam perversão, senão ele seria enquadrado no quarto dispositivo sexual: a psiquiatrização do perverso.

Dessa forma, foi construída como natural a sexualidade feminina atrelada ao lar e para a masculina foi criada a possibilidade da rua. O conto “O triângulo mais que perfeito” descreve essa dicotomização das sexualidades feminina e masculina. Na primeira parte do

⁹ FOUCAULT, Michel (2005) p.99

conto, a mulher está, de certa maneira, “conformada” com seu papel, vive sua sexualidade de forma esvaziada, não prazerosa, apenas para satisfazer seu marido, cumprindo sua obrigação marital, ou seja, a protagonista se enquadra de forma perfeita no modelo de sexualidade criada para a mulher, assim também o homem, como é esperado e permitido, expande sua sexualidade da casa para rua, através do adultério.

Há algumas questões a salientar a respeito desse aspecto. Apesar da personagem está ocupando o lugar culturalmente estabelecido para a mulher, de alguma forma, existem índices que demonstram, mesmo neste momento, certa insatisfação e expectativa de mudança, visto que o segundo parágrafo do conto, que vai iniciar a descrição do momento de decadência do casamento, começa por “A áspera espera daquela hora que não sabia quando seria nem se seria, mas sempre à espera, ano e mais ano, à espera de uma hora, que hora? que dia? como seria? seria?” (“O triângulo mais que perfeito”, p.05). Este trecho marca a expectativa e o questionamento psicológico desta personagem. Já aí, ela demonstra a necessidade angustiante de transformação, que se emaranha numa teia de dúvidas e incertezas, mas que, no entanto, tem como palavras de ordem: a áspera espera.

Percebemos uma importante complexidade psicológica nesta personagem que se encontra dividida e estilhaçada entre a configuração social que para ela foi construída e a sua vontade de rompê-la. Numa sociedade monogâmica, o adultério só é permitido, se envolto em hipocrisia, regularmente, ele é repudiado pela moral e pela ética social. Mesmo assim, ela vacila em impor a escolha a ele, quer, no fundo de seu íntimo, onde ela está recriando suas próprias regras particulares, aceitar a bigamia dele, mas a voz da sociedade fala mais alto.

Quando [ele] veio eu murmurando, ou eu ou ela, a menina pregada nos seus braços, as lágrimas descendo pesadas nas rugas que marcavam o bonito do rosto dele – por que você não entende? – eu entendia que ele não podia me deixar e não podia viver sem aquela mulher tão bonita no jeito solto diferente do meu calado quieto, eu entendia mas como eu podia entender? Aceitar? A humilhação, todo mundo falava e aquela conversa dos outros, eu fazendo papel de boba passada pra trás, como aceitar? **Mas que vontade de aceitar**, humilhação ou ciúme?

(“O triângulo mais que perfeito”, p.07, grifos nossos)

Desde o começo do conto, presenciamos a trajetória de liberação deste corpo feminino, porque mesmo antes de ela vencer todas as barreiras, que a confinam ao imanente

destino de mulher frígida, percebemos um caminhar vagarosos em direção a uma liberdade, que já está presente em seu íntimo. Os primeiros sinais de liberação são os questionamentos interiores da personagem, que indicam uma outra possibilidade de postura, diversa daquela instituída como regra. Ela quer aceitar esta nova condição familiar, cujo centro é o triângulo e ela ocupa o vértice da esposa, no entanto, ainda não está preparada para quebrar os grilhões de uma sociedade moralista e patriarcal.

Ao delinear os contornos da pós-modernidade, o estudioso Zygmunt Bauman alerta para as inúmeras mudanças sociais que ocidente vem sofrendo. A respeito da sexualidade, em seu capítulo intitulado: “Sobre a redistribuição pós-moderna do sexo: a *História da sexualidade*, de Foucault, revisitada”, o autor polonês afirma que, os meados do século XX vivenciaram a ‘segunda revolução sexual’, que “consiste, aproximadamente, no desmantelamento de tudo o que a primeira revolução construiu”. Assim como na primeira, na segunda revolução a família vai ter uma importância fulcral, entretanto de maneira inversa. Bauman chama nossa atenção para a “gradual, mas aparentemente inexorável, desintegração (ou, ao menos, considerável enfraquecimento) do outrora sacrossanto e imperturbável ‘ninho familiar.’”¹⁰

O sociólogo continua a problematizar esta questão pós-moderna, afirmando que em nossos dias a sexualidade perdeu os direitos adquiridos e os deveres assumidos, sendo apenas o prazer o grande objetivo do sexo.

Nada resulta do encontro sexual, salvo o próprio sexo e as sensações que acompanham o encontro; o sexo, pode-se dizer, saiu da casa familiar para a rua [...] as práticas sexuais são unidas não pelo dever, mas pelo prazer, são exportadas para o domínio entre a casa e o local de trabalho.¹¹

Muitos desses aspectos salientados por Bauman, verificamos no conto “O triângulo mais que perfeito” e podemos nos arriscar a dizer que esta narrativa é caracterizada principalmente por três marcas desta revolução sexual pós-moderna: a desintegração da família como modelo, a descoberta feminina de uma sexualidade orgástica e o espaço da rua como o local privilegiado para o sexo.

¹⁰ BAUMAN, Zygmunt (1998) p.183

¹¹ Idem, p.184

O modelo pré-estabelecido de família, que se assume como o único lugar legítimo do sexo, desmorona, visto que temos a família, constituída tal como era prescrito pela igreja, sendo gradativamente substituída por uma infinidade de possibilidades. Primeiro com o divórcio do casal, surgem duas novas formas de família: uma constituída pela mãe e a criança, após a saída do marido e outra reconfigurada com o homem e a antiga amante, transformada em esposa. São dois lares refeitos de acordo com as novas necessidades particulares. Manuel Castells aponta o surgimento de diversas novas constituições de famílias como um advento da modernidade. E, ao final do conto, há a constatação de mais uma formação familiar marcada pelo triângulo (esposa – marido – amante) perfeito, que se mantém desde o início, pois o adultério foi uma constante neste relacionamento, apesar de somente ser assumido pela protagonista no final da narrativa.

A mulher, protagonista do conto, é emblemática do novo comportamento do corpo feminino que se libera e se permite viver a sexualidade calcada no gozo e no prazer. A áspera espera de um dia que ela não sabia se viria termina, e ela se transforma no centro das atenções.

Ele um dia me olhando de longe na rua, ele um dia na espera da hora de minha hora de sair, ele um dia telefonando para marcar um encontro comigo, eu ia? Não ai?

(“O triângulo mais que perfeito”, p.07)

Nós, leitores, acompanhamos o processo de reflexão da personagem: o momento da dúvida e da incerteza entre aceitar aquela oportunidade de viver a sua hora ou continuar à espera. Assim como outrora, ela titubeia em aceitar o triângulo, só que desta vez, na posição de amante, consegue ultrapassar as barreiras: “ah, ia indo pra ele que vinha vindo.” (Idem, p.07) É neste momento, que a personagem consegue liberar seu corpo e viver plenamente sua sexualidade.

O calor encrespado do corpo dele em cima do meu corpo que se fazia o abismo sem começo nem fim do seu perder-se na minha carne ofegante morrendo de prazer, eu rendida querendo mais, o peso quente me fendia, o bom do esperma dele no meu orgasmo.

(Idem, p. 08)

Há dois momentos sexuais retratados no conto, se os compararmos, constataremos explicitamente a liberação sexual deste corpo feminino. No primeiro momento, ela afirma ter medo de acolher o transbordamento quente do esperma, o que agora se transforma no “bom do esperma dele no meu orgasmo”. O orgasmo também é um dado novo, pois antes

seu orgasmo não era o ápice do prazer, era apenas resultado do esforço de sua carne fendida.

É o homem que verifica tamanha mudança: “você, que você há em você?” (Idem, p.08). Esta assertiva masculina resume a questão: de dentro dela insurge esta nova mulher, que sempre esteve em seu interior, ela não vem de fora, mas de dentro. Esteve apenas sufocada, limitada, castrada pelas vozes sociais que durante muito tempo dominaram.

É relevante notar que a liberação deste corpo, cuja sexualidade foi o centro, se deu em diversas camadas, sendo uma delas a social. A personagem alterna de papel, sai do lugar de esposa e passa à amante. Este deslocamento é significativo, porque concretiza a liberação do corpo feminino do papel de mãe e esposa. Ela assume o lugar daquela que não tem nenhum compromisso marital. O sexo passa a ser apenas o encontro de sensações e prazeres, sendo desvinculado de direitos e deveres. Mais relevante ainda é o fato de ela ocupar o lugar da perversão e da transgressão, marcas profundas do erotismo. De reprodutor, seu sexo se transforma em erótico.

Esta permuta feminina, de esposa à amante, escreve o amadurecimento da personagem que extrapola as regras culturais para ser feliz. Os limites da casa e da família é outro aspecto que sofre liberação. Ela encontra seu prazer e sua sexualidade fora de casa, ou seja, ela consegue romper este espaço, que, como vimos, funcionou, durante muito tempo, como um confinamento da sexualidade feminina.

No que diz respeito ao papel masculino, percebemos uma posição imutável, pois se a mulher consegue evoluir, trocando sua posição de objeto do sexo para sujeito de sua sexualidade, o homem se mantém em ambas as situações na mesma posição, tanto no primeiro momento – como marido – quanto no segundo – como amante –, ele continua buscando o prazer fora de casa. Seu gozo está no adultério. O que achamos interessante ressaltar é que enquanto a mulher dá o salto, constrói uma trajetória de aprendizagem, o homem permanece no mesmo lugar, não evolui, não cria para si suas próprias regras, continua aceitando o papel que a sociedade construiu para ele.

Após perscrutarmos a trajetória de liberação deste corpo feminino, que assim como já afirmamos, instaura-se duplamente no individual e no coletivo, uma vez que retrata o corpo particular da personagem do conto, mas também o feminino como um corpo social, encontramos alguns aspectos que merecem resgate nesta parte final do trabalho.

Como vimos, o conto “O triângulo mais que perfeito” retrata uma crise familiar, cujo ponto central é a sexualidade. O controle sexual do corpo feminino, durante muito tempo, funcionou como mais um dispositivo utilizado pelos adeptos do patriarcado para a manutenção da centralidade do poder masculino. Vencer este controle significa vencer uma teia de poderes milenar, e é esta a grande vitória da protagonista do conto. Mais do que liberar seu corpo sexualmente, ela libera-se das amarras de uma sociedade patriarcal, que se percebe desmoronar a partir da decadência de seu principal elemento: a família patriarcal.

Por isso, podemos dizer que o epíteto dessa personagem, encontrado no próprio texto, é: heroína. “Herói, heroína ela o era, e como o sabia” (“O triângulo mais que perfeito”, p.05). Seu heroísmo advém não apenas por ter suplantado a frigidez de seu corpo de mulher, mãe de família e esposa, mas por ter burlado as normas sociais, conseguindo recriar suas próprias regras pessoais, necessárias para seu reencontro e sua descoberta. Por mais que não tenha sido citado ou recuperado explicitamente no texto de Helena Parente Cunha, sabemos que sua história é emblemática de uma luta feminina que teve seus primórdios nos anos 60 com as feministas radicais, que gradativamente evoluíram para uma postura mais negociadora, ganhando voz e vez na sociedade.

Com seu papel interventor, a ficção é mais do que narrativa, é também um mecanismo de registro social, que aborda inúmeras questões que explodem todos os dias, por isso acreditamos que esta personagem funciona como metonímia de centenas de mulheres que neste fim de século estão caminhando em busca de sua liberdade sexual, política, econômica, social, ou seja, em busca de uma liberação total do patriarcalismo.

Não há melhor imagem para esta mulher que está “acima e além dos mesquinhos escrúpulos da gente de todo dia ou dos desmesurados assomos dos emancipados de preconceitos” (“O triângulo mais que perfeito”, p.05) do que as duas metáforas que abrem e encerram a narrativa: o silencioso sorriso de superioridade de quem recusa uma taça de champanhe e o gesto lento de quadro renascentista elitista sim e digno. Superioridade de quem aprendeu a estar acima e além das regras sociais, dos padrões instituído, de alguém que re-criou suas próprias verdades e por isso consegue está além e acima dos preconceitos e até mesmo dos conceitos hipócritas de um patriarcalismo decadente.

5. REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmunt. “Sobre a redistribuição pós-moderna do sexo: a *História da sexualidade*, de Foucault, revisitada”. In: *O mal-estar da pós-modernidade*. Trad.: Mauro Gama e Cláudia Martinelli Gama. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.

BEAUVOIR, Simone de. *O Segundo Sexo*. Trad. Sérgio Milliet. Vol. I. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

BOURDIEU, Pierre. *A Dominação Masculina*. Trad.: Maria Helena Kühner. 4ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

CASTELLS, Manuel. “O Fim do Patriarcalismo: movimentos sociais, família e sexualidade na era da informação”. In: *O Poder da Identidade*. Trad.: Klauss Brandini Gerhardt. 2ª ed. Vol. II. São Paulo: Paz e Terra, 2001.

CUNHA, Helena Parente. “O triângulo mais que perfeito”. In: *Os Provisórios*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Edições Antares, 1990.

_____ “Noite de Núpcias”. In: *Os Provisórios*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Edições Antares, 1990.

FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade: A Vontade de Saber*. Trad.: Maria Thereza da Costa Albuquerque e J.A. Guilhon Albuquerque. 16ª ed. São Paulo: Edições Graal, 2005.

HUTCHEON, Linda. *Poética do pós-modernismo*. História. Teoria. Ficção. Trad.: Ricardo Cruz. Rio de Janeiro: Imago, 1991.

MURARO, Rose Marie. “Breve Introdução Histórica”. In: KRAMER, Heinrich & SPRENGER, James. *O Martelo das Feiticeiras*. Trad.: Paulo Fróes. Rio de Janeiro: Editora Rosa dos Tempos, 1991.